

COMO AS MADEIREIRAS DERRUBAM A AMAZÔNIA

Moto-serras, tratores, caminhões penetram na grande floresta. Só em Paragominas, 9.000 árvores caem por dia. **Leia no Caderno Domingo**



Paulo Lobato

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Documentação	
Fonte	ST
Data	3/11/96
Class.	222
	24.12.15

Raimundo Cunha, operador de moto-serra, corre. Atrás dele, a faveira de 3m80 de diâmetro começa a cair. É a 22ª árvore que ele serrou só nesse dia

MULHER
A primeira presidente da República da Irlanda, Mary Robinson (foto), deu entrevista exclusiva ao "JT". Fala da mulher no poder e da possibilidade de vir a ser a primeira a ocupar o cargo de secretário geral da ONU
Página 6D



Renée Castelo Branco



Otávio Magalhães/AE

GENEALOGIA
Aumenta cada vez mais o número de pessoas que procuram as instituições e empresas que pesquisam as origens das famílias. E veja as árvores genealógicas de alguns famosos como Renato Aragão (foto) na
Página 8D

Foto: Paulo Lobato



O estalo já se deu, a faveira de 3m80 de diâmetro começa a cair. Raimundo Cunha corre. Ele faz isso cerca de 30 vezes por dia

A RÁPIDA AGONIA DA FLORESTA

APENAS EM PARAGOMINAS SÃO DERRUBADAS, POR DIA, 9.000 ÁRVORES DA FLORESTA AMAZÔNICA. E QUASE NÃO HÁ REFLORESTAMENTO

Luiz Maklouf Carvalho

Paragominas, sudeste do Pará, em plena floresta amazônica. São 13 horas de uma sexta-feira calorosa — e o operador de moto-serra Raimundo Cunha, que começou a trabalhar às 6h30, vai derrubar sua 22ª árvore do dia. Nessa mesma hora 300 Raimundos estão fazendo a mesma coisa. Cada um deles derruba, numa média baixa, 30 árvores por dia. Quando o trabalho terminar, Paragominas terá, por baixo, nove mil árvores a menos. São nove mil árvores por dia durante os seis meses da extração intensiva.

A faveira que Raimundo vai derrubar é de encher os olhos, como descreve Benedito Almiço Gomes dos Santos, o Irmão, mateiro experiente e chefe de Raimundo:
— É difícil dizer a idade — mas essa faveira existe desde que existe árvore na face da terra. De rodo (grossura) ela vai dar uns 380 (três metros e 80 centímetros). De comprimento a gente vai levar dez metros, sobrando a parte de baixo e a de cima.

Para se ter uma idéia melhor, a parte de baixo abriga, apenas de um lado de suas largas reentrâncias, todos os sete homens que participam da operação. A parte de cima é uma copa imensa, magnificamente ramificada. Ambas ficarão na mata, apodrecendo, porque não servem à operação da serraria.

Raimundo espera que seu ajudante traga o diesel que alimenta a moto-serra de R\$ 800,00. Tem 38 anos, cinco filhos, é quase analfabeto e ganha R\$ 280,00 por mês.

Quantas árvores o sr. já derrubou até agora?

21. Só nessa manhã. Quanto média a maior? Uns 300 de rodo. O compri-

mento dava uns 19 metros. Era um jatobá.

E as outras?
Maçaranduba, cavalo melado, piquiá, tatajuba, jatobá. A gente só tá tirando madeira boa.

Desde quando o sr. é operador de moto-serra?

Desde 72. Já trabalhei em diversos lugares.
Qual é a ciência para derrubar um pau como essa faveira?

Tem que ver a posição que o pau vai cair e a direção de sair. Se não vê isso é perigoso machucar. Se o pau vai prum lado, a gente tem que correr pro outro. É que a gente tem muita experiência.

Dá pra ter uma idéia de quantas árvores o sr. já derrubou na vida?

Não tenho a mínima idéia (risos).

Mas deve dar uma florestazinha, não?

Dá (risos).
O sr. não tem pena quando derruba um pau bonito como esse?

Pena eu tenho. Mas de que jeito pode fazer?
Qual foi o dia que o sr. derrubou mais?

É conforme a madeira, a posição. Já teve vez de eu derrubar 60 árvores num dia só. Mas não é sempre. Uma árvore dessas, por exemplo, retarda muito.

A poluídissima Paragominas, a 350 quilômetros de Belém, é a cidade que mais tem serrarias em todo o mundo. Já foram quase 300. Hoje são 110. A indústria madeireira domina a economia local — explorando anualmente a média de 2 milhões de m³ de madeira em tora e oferecendo cinco mil empregos. A renda bruta anual gira em torno de R\$ 150 milhões — com uma margem de lucro estimada em 30%. O processamento das toras —

em serras de fita — é que oferece o material responsável pela angustiante poluição ambiental dessa Cubatão paraense. Montanhas de pó de serra queimam permanentemente nos pátios das serrarias à margem da Belém-Brasília — é proibido queimar o pó num raio de cinco quilômetros da área urbana — assim como os fornos e as caieiras que transformam o casqueiro (sobra da madeira) em carvão, inclusive na área urbana, trabalho em que é comum a presença de crianças. A fumaça e a poeira são um tormento diário.

Irmão e Raimundo Cunha trabalham para a firma Indústria e Comércio de Madeiras Du-norte Ltda., do madeireiro José Matogrosso Souza Costa, presidente do Sindicato de Serrarias, Carpintarias, Tanoarias, Madeiras Compensadas e Laminadas, Aglomeradas e Chapas de Fibras de Madeira de Paragominas, o Sindiserpa. Na serraria de Matogrosso 70 funcionários processam, por mês, 1.600 m³ de toras. São 19.200 m³ por ano — equivalentes a 768 carretas (25m³ cada uma). Coisa de 8,5 quilômetros se ficassem enfileiradas.

A equipe de Irmão é a linha de frente de toda a operação — aquela que mora e trabalha na floresta, durante os seis meses de verão, com a responsabilidade de derrubar as árvores, recolher os troncos, amontoá-los em uma clareira rasgada pelos tratores de esteira, e carregá-los para as carretas da serraria. Irmão — que

viveu 15 de seus 30 anos trabalhando nas matas da região — comanda 13 trabalhadores: três operadores de moto-serra e três operadores de máquinas (tratores), cada qual com um ajudante, além da cozinheira Cristina, esposa do tratrista João Batista, e da filha de sete anos.

Moram todos em um acampamento improvisado, a 110 quilômetros da sede da serraria, que fica às margens da rodovia Belém-Brasília. O acampamento tem três alojamentos — barracas precárias, chão de terra, cobertas com plástico negro e abertas nas laterais. Na maior ficam a tralha e as redes dos trabalhadores. Na média fica a cozinha (com forno de barro). A menor, a única fechada nas laterais, abriga Cristina, o marido e a filha. A luz é de lamparina (em latas de azeite) e a água vem de um córrego próximo. Com uma ou outra exceção — é o caso de Irmão, que circula livremente — os demais só saem de lá para a cidade um meio fim de semana a cada 15 dias.

O dia de trabalho começa muito cedo. Às cinco horas já está todo mundo de pé, espantando o resto do sono e deglutindo o café reforçado de Cristina. Às seis embarcam no caminhão que Irmão dirige, e às 6h30 já estão na nova área a ser derrubada, a coisa de 15 quilômetros do acampamento. O caminho, cheio de ramais recém-abertos pelos tratores, é um verdadeiro labirinto para quem não conhece. Cada estradinha daquelas

evidencia que a tropa de Irmão avança rápido, ávida de produção. De vez em quando aparece uma bela árvore intacta à beira dos ramais. Ela escapou — explica Irmão — porque estava oca e não valia a pena.

Os motoqueiros — como são chamados os operadores de moto-serra — são os primeiros a entrar na floresta, cada qual com seu ajudante, e cada um na direção que Irmão determinou. Escolhida a árvore, o ajudante, a terçado, faz a limpeza de seu entorno, a picadinha. O motoqueiro a derruba — e segue em frente; derruba e segue em frente; derruba e segue em frente; derruba e segue em frente. Das 6h30 às 12h. Almoçam por lá mesmo, nas marmitas que Irmão leva — arroz, feijão, macarrão e carne seca frita — e retomam o trabalho das 13 às 17h.

Quantas árvores um motoqueiro corta por dia, em média?

Irmão — Trinta.

Num dia só?

Num dia só. A base é 30 árvores. Mas dá pra cortar mais.

Quem já cortou mais?

Todos eles cortam. Até 45. Mas a base é 30.

Quantas equipes como essa estão operando aqui em Paragominas no dia a dia?

Umhas cem — à base de três motoqueiros por turma.

São, então, 300 motoqueiros?

300 motoqueiros. Cortando, na média, 30 árvores cada um.

Mas aí seriam nove mil árvores por dia????

Nessa faixa.

Não é possível!
É isso mesmo. São 300 operadores tirando na média 30 árvores cada um. Dá nove mil árvores por dia mesmo. É só o senhor passar ali no Quilômetro 12, pa-

ra ver quantas carretas passam carregadas. É fila, fila, de dia e à noite. Não pára não. Durante seis meses não pára. E no inverno tem uns que ainda mexem. É muita árvore. O senhor vê: só daqui os caminhões xam uma base 200 a 250 metros (m²) por dia.

Quantas árvores dá isso?

A gente baseia aqui em torno de três metros por árvore. Mais ou menos 80 árvores por dia. Só aqui são cinco caminhões indo e vindo direto.

“É pau pra cacete”, confirma José Matogrosso, patrão de Irmão e presidente do Sindicato dos Madeireiros, um tanto atônito pelo arredondamento de uma conta que talvez nunca tenha feito, e que, vista mais de perto — há serrarias que operam com mais de três motoqueiros — vai dar um número ainda mais alentado.

Nove mil árvores por dia — considerados 24 dias de trabalho por mês (os operadores trabalham de segunda até o meio-dia de sábado) — são 216 mil árvores por mês ou 1.296.000 árvores nos seis meses do período de extração (junho a dezembro). Considerando que Paragominas está cercada de municípios essencialmente madeireiros (Ulianópolis, Dom Eliseu, Rondon do Pará, entre outros) é certo que o volume da extração é maior.

Matogrosso sabe que o problema não está no número em si — mas no fato de que ao longo dos últimos 25 anos essa exploração desenvolveu-se de maneira totalmente selvagem e predatória, a corte raso, sem qualquer preocupação com a sustentabilidade da floresta.

No meio da mata o trabalho de levar as toras para as serrarias começa, numa seqüência bem organizada, logo após a derrubada dos motocultores. Dois tratores invadem a área em busca dos troncos cortados, que trazem presos nas garras de aço, um atrás do outro. É a catagem. Os troncos são depositados na esplanada ou no tombador — uma área ampla que o trator de esteira já cuidou de limpar completamente, abrindo uma clareira para o movimento dos caminhões. São de dois tipos — o Cambião, com uma carroceria só, leva troncos de até 14 metros. E o Romeu & Julieta, duas carrocerias, com troncos de até sete metros. São abastecidos por uma pá-carregadeira operada com maestria por Davi Leite, 22 anos, salário de R\$ 420,00, o maior da equipe (à exceção de Irão, que ganha sete mínimos).

Ângelo de Souza Lima, o ajudante de Raimundo Cunha, está chegando com o diesel da moto-serra — de forma que a faveira, pau vistoso, vai já ilustrar o tamanho do estrago, a violência do desmatamento, a rapidez da devastação. Ângelo tem 33 anos, está há um ano no serviço e ganha R\$ 140,00. Já fez a varedeinha (a limpeza) das 21 árvores que Raimundo botou abaixo — e vai fazer, agora, a da faveira. O terço afiado corta pra lá, corta pra cá. Decepa galhos, cipós, arvoezinhas, tudo o que possa tolher os movimentos do motocultivo.

Raimundo encara a faveira de alto (bem alto) a baixo. Observa a inclinação natural da árvore, tira a linha de queda — "Vai cair pra lá", diz — empunha a moto-serra, sem luvas, só com a proteção de um capacete de plástico. O aço da lâmina serrilhada fere o tronco e aprofunda o corte em diagonal. O segundo corte é feito três ou quatro palmos abaixo, em linha reta, até encontrar a diagonal num vértice preciso. O pó da faveira voa farto contra os raios de luz, numa nuvem que encobre parcialmente Raimundo, salpicando o suor do rosto e do dorso musculoso. Livre da árvore — uma parte do todo — o pedaço do tronco é empurrado para fora com a ponta da lâmina. Está pronta a boca — é assim que eles chamam.

José Matogrosso, o dono da faveira e de toda a madeira da área, dá entrevista na sede da serraria, a 115 quilômetros de onde Raimundo está trabalhando:

O sr. não tem pena de pôr abaixo uma faveira linda como aquela?

Tenho. Realmente dói. Mas se você analisar por esse lado você não mata um boi, não mata uma galinha. É a mesma coisa. Essa é uma árvore adulta, em ponto de corte. Você não pode ficar pensando que não pode derrubar só porque ela é uma coisa linda. Dá dó de ver essa árvore cair? Será que sai sangue dela? Não sai sangue. Um boi não sai sangue? O animal entende, o animal é um ser vivo também. Então o caminho não é esse. Eu também sou um ecologista e às vezes radical. Eu sou a favor de viver. Mas tem o outro lado: você vai deixar o pessoal da região passar fome? O que é que você sente mais: a criança chorar de fome ou ver uma árvore daquela ser abatida?

Nas suas próprias contas nove mil árvores por dia são derrubadas aqui em Paragominas. A floresta agüenta?

E pau pra pra cacete, mas para nós não é muito. Porque você derruba uma e com toda a certeza tem pra trás de 100 brotos que continuam germinando, 100 árvores com dois, três metros de altura, carentes de iluminação. Se você elimina uma árvore adulta, madura, automaticamente você passa a dar condições de vida para que as estão ali embaixo. Você derruba uma floresta hoje e daqui a cinco anos você não diz que daquela mata foi tirada madeira.

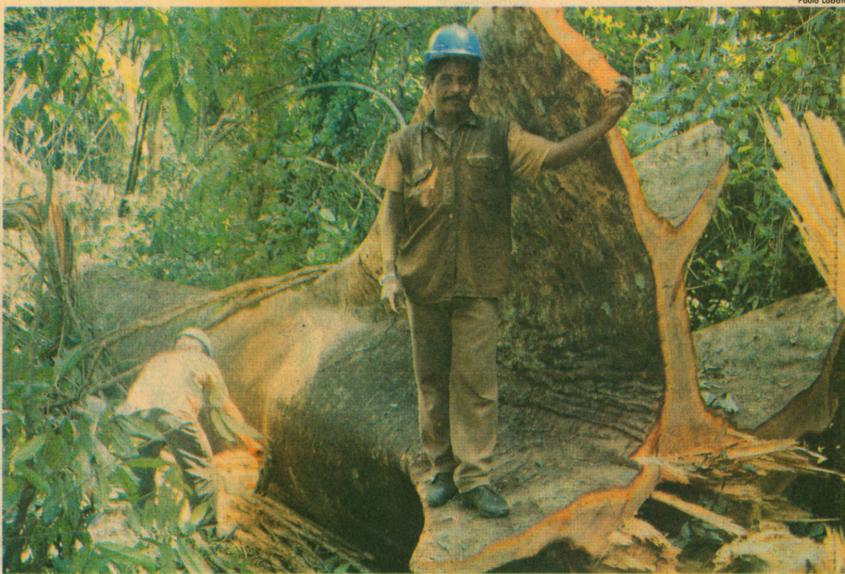
Matogrosso, fazendo jus ao nome, defende sua categoria. Mas vende do produto como fez o JT — o estrago da operação é medonho. Não pela derrubada em si — é a única forma de extração — mas pelo fato, comprovado em pesquisas, de que em Paragominas, nos últimos 25 anos, os fazendeiros e os madeireiros só fizeram devastar, sem a menor preocupação com o manejo sustentável. Nas décadas de 60 e 70 a floresta foi substituída por pastagens — à base do correntão e do fogão. A indústria madeireira começou a instalar-se no final dos anos 70 — aumentando a destruição. Hoje em dia, como reflexo da exploração irresponsável, as serrarias estão tirando madeira a 150 quilômetros de distância da Belém-Brasília (contra os

80 quilômetros em 1992).

Num estudo específico sobre a região, de 92, o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) estimou que de 70 a 90 foram extraídos, das florestas, 19,4 milhões de m³, numa área estimada de 512 mil hectares. O estudo diz: "As perspectivas de utilização dos recursos madeireiros em Paragominas existem, mas as práticas atuais de caráter predatório indicam que se o manejo florestal não for efetivado, as florestas da região estarão liquidadas nas próximas décadas". Manejo florestal sustentável, segundo informam os manuais, é a administração de floresta para a obtenção de benefícios econômicos e sociais, respeitando-se os mecanismos de sustentação do ecossistema. Para ser sustentável — ensina o agrônomo da Embrapa José Natalino Macedo Silva — o manejo deve ser economicamente viável, ecologicamente correto e socialmente justo. O bom manejo inclui uma exploração cuidadosa (de baixo impacto ambiental), e a aplicação de tratamentos silviculturais à floresta (para regenerá-la).

Contam-se nos dedos de uma mão, talvez de duas, os madeireiros de Paragominas que têm levado isso a sério — mas é possível que a situação melhore no curto/médio prazo, mesmo que compulsoriamente. "Agora não tem jeito", diz Matogrosso. "Quem não se enquadra vai fechar as portas", ameaça. A mudança de postura tem origem na pressão internacional contra a exploração predatória. Mais especificamente na determinação da International Tropical Timber Organization (ITTO) por conta da qual, a partir do ano 2000, todo o comércio de madeira tropical passará a ser produzido a partir de florestas com manejo sustentável.

Não é uma mudança fácil — o reflorestamento custa R\$ 1.600,00 por hectare e o manejo pós-colheita R\$ 600,00/hectare — mas aqui e ali já se vê alguma coisa. Na extração que Irão está comandando há, por exemplo, um Skidder, trator com rodas de borracha que provoca um impacto menor na floresta. Matogrosso diz que 70 deles já operam na região — mas a verdade é



Raimundo Cunha e a faveira, finalmente, abatida: ao final do dia, missão cumprida



Os fornos em Paragominas: 24 horas de fumaça

SERRA, TRATOR, MÁQUINAS NA LUTA DESIGUAL CONTRA AS ÁRVORES

AINDA MAIS DESIGUAL PORQUE SÃO MUITO RARAS AS MADEIREIRAS QUE FAZEM O MANEJO SUSTENTADO, UMA OBRIGAÇÃO QUE PODERÁ FECHAR MUITAS DELAS A PARTIR DE 97



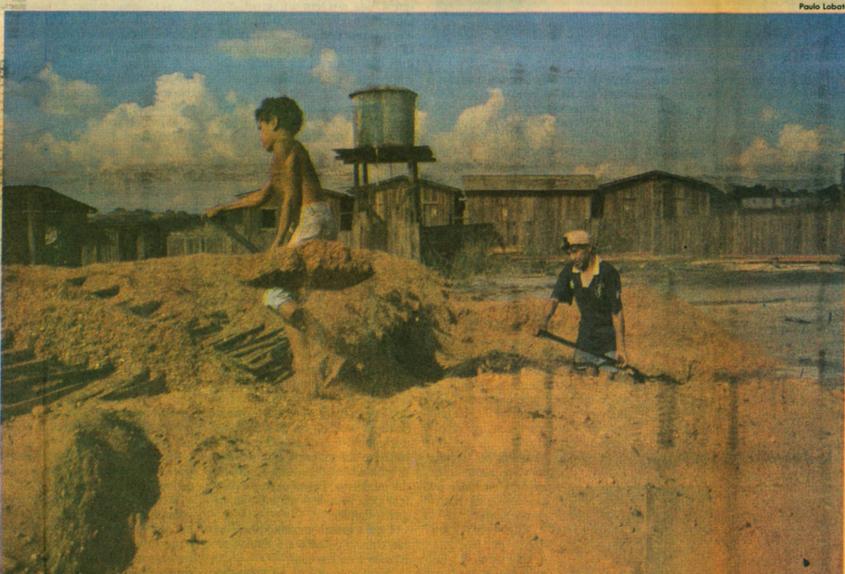
Paulo Lobato

"TEM VEZ DE EU CORTAR 60 ÁRVORES NUM DIA, MAS NÃO É SEMPRE"

(Raimundo Cunha)



O acampamento rústico. Nele, a turma fica durante 30 dias seguidos



Os irmãos Gerilson e Antônio Gomes, na dura tarefa de cobrir a caieira com pó de serra

MANEJO VAI FECHAR MADEIREIRAS

Presidente do sindicato adverte: "Quem não fizer, sai do mercado".

Na previsão do presidente do Sindicato dos Madeireiros de Paragominas, José Matogrosso Souza Costa, 51 anos, nascido em Paranavai (PR) e há 16 anos no Pará, 40% das 110 serrarias do município não terão condições de cumprir as exigências de manejo sustentável obrigatório e deverão fechar. Ele é dono da Indústria e Comércio de Madeiras Dunorte Ltda., das maiores da região.

Qual é a culpa dos empresários em relação à devastação da região?

A responsabilidade dos empresários realmente deixa a desejar, porque de todos que para cá vieram, ninguém tinha a consciência de preservar a Amazônia. Naquele tempo ninguém ligava pra nada. A floresta tinha bastante e em grande quantidade. Com o tempo é que foi se ver que realmente é preciso preservar.

Qual é o tamanho do prejuízo?

O País não perdeu muito, o Estado também não, nem o município. Porque nos geramos empregos, impostos. Se não fosse colhida, a madeira que nós tiramos estaria apodrecida. Porque a madeira nasce, cresce e morre. Então tem que ser colhida. Para gerar empregos tem que colher.



Matogrosso: "Ibama só multa"

Uma serraria que tem 100 funcionários tem automaticamente 600 pessoas se alimentando.

A partir de ano 2000, segundo acordo internacional, só fica no mercado quem tiver manejo. Paragominas vai cumprir o prazo?

Vai — e já em 97. Quem tiver projeto de manejo trabalha, quem não tiver vai ter que sair do ramo, fechar.

Pesquisas feitas pela Embrapa e pelo Imazon mostram que na prática não existe manejo?

Esses dados foram levantados no ano passado. E não existia nada mesmo não. Mas depois da pesquisa da Embrapa e do Imazon o pessoal começou a acordar pro negócio.

Qual vai ser o impacto dessas normas? Quantas serrarias vão fechar?

40% vão sair do mercado. Só que todas as serrarias estão conscientes do que vai acontecer, porque o sindicato está orientando. De 97 não passa — até porque daí para a frente a fiscalização vai mudar, cada Estado será responsável por sua floresta.

A fiscalização do Ibama funciona?

O Ibama, infelizmente, é muito desorganizado. Foi criado para fiscalizar a floresta, não faz nada do que devia ser feito. Na época do IBDF todas as serrarias pagavam os reais por metro cúbico reflorestado. Se você for ver o que eu pagui para o IBDF reflorestar eu não precisava reflorestar nada. Porque eu pagui para reflorestadora fiscalizada pelo IBDF. E ninguém plantou nada. O Ibama veio pra fiscalizar a orientar as pessoas que mexiam com madeira. Mas veio como órgão arrecadador. Não orientava ninguém, não fiscalizava ninguém. O negócio deles é multar e multar.

Multar e multar?

Isso todo mundo sabe.

É grave a questão da corrupção?

Eu não sei se tem. A gente não fica sabendo porque quando tem essas

CARVÃO: INFERNO A CÉU ABERTO

Homens, mulheres e crianças trabalham para abastecer fornos que queimam 24 horas por dia

O nome é uma gracinha — Jardim Atlântico — mas o que se vê, em plena zona urbana de Paragominas, a 500 metros do centro, é uma infernal produção de carvão a céu aberto. Centenas de fornos e de caieiras queimam 24 horas, num trabalho duro feito por pais e mães de família, com a participação expressiva de crianças de diversas idades. Calor e fumaça insuportáveis dão o tom ao ambiente. Os que pegam no pesado — e boia pesado nisso — trabalham para comerciantes que vendem o carvão às siderúrgicas de Apalândia (MA) e Marabá (PA). Esses comerciantes fornecem a madeira (o casaqueiro que sobra nas serrarias), o pó de serra e a água. Pagam R\$ 240,00 pela gaiola cheia de um caminhão.

"É melhor do que ser empregado nas serrarias", diz o carvoeiro Antônio Vieira da Cunha, 42, responsável por duas caieiras. Esse é fechado, ao contrário do forno (que se processa, em forma de iglu), consiste em empilhar o casaqueiro em cima do chão, cobri-lo com a serragem e atear fogo nas reentrâncias que ficam por baixo. E como é que agüenta esse calor todo?

A gente já está acostumado. Tem tosse de noite?



Menino no trabalho do carvão

Desde criança. Comecei com oito anos.

Qual é o teu trabalho aqui? O que você está fazendo agora, por exemplo?

Eu estou jogando o pó em cima da caieira.

Essa fumaça não te faz mal?

Não.

Você estuda?

Estudo. Tô na quinta série.

Quanto você ganha ajudando o seu pai?

É metade pra mim e metade pra ele (Antônio).

Antônio da Silva Gomes também conversa?

Quantos anos você tem?

14. Vou fazer 15. Trabalho aqui desde os oito anos. Nós mexe com forno, com caieira, com tudo.

Desde que horas vocês estão trabalhando?

Começamos ainda agora (13 horas), porque de manhã não tinha serraria. Nós estamos cobrindo com pó de serra e depois vamos botar fogo. Amanhã o carvão está pronto.

E como é que agüenta esse calor todo?

A gente já está acostumado. Tem tosse de noite?

Não. Mas quando começou era ruim. Agora a gente já está acostumado e não sente mais nada.

Você gosta de fazer isso?

Eu gosto de trabalhar, né? E também estudo na mesma série dele, a quinta.

Você preferia não ter que fazer isso?

Eu gosto é de trabalhar. Esse negócio de ficar na rua, não dá certo não.

Quantas horas vocês trabalham por dia?

Quando tem aula a gente trabalha do meio-dia pra tarde, porque estuda de manhã.

Tem muitos meninos que trabalham aqui com vocês?

Tem muitos.

Damião Esperança da Silva, maranhense de 44 anos, é outro que trabalha nos fornos, com o que talvez seja a pior etapa do trabalho — encender os iglus de madeira. Damião é ajudado pela mulher e pelo filho Marcos, de 14 anos. Levam seis horas para encher um forno, e ganham R\$ 7,00 por forno cheio. "Quando tem muito serviço dá pra encher dois por dia", diz Damião. "É melhor do que ficar parado".

O homem que aponta árvores na mata

BENEDITO DOS SANTOS, O "IRMÃO", CONHECE A MATA ÁRVORE POR ÁRVORE. SEM HOMENS COMO ELE, AS MADEIREIRAS NÃO TRABALHARIAM NA AMAZÔNIA

Sem uma figura como Benedito Almiço Gomes dos Santos, o Irmão, 30 anos, qualquer empresário-madeireiro está perdido. Irmão é que conhece a mata — árvore por árvore. Nascido em São Miguel do Guamá (PA), Irmão vive em Paragominas desde 86. É o responsável pela exploração madeireira da Serraria Dunorte. Seu apelido deve-se à condição de evangélico. Nesta entrevista, gravada em plena floresta, ele fala de seu ofício.

De onde vem essa sua intimidade com a floresta?

Com o tempo. Eu mexo com a mata desde os 15 anos. Fui auxiliar de máquina e depois operador de trator, de Skidder. Eu tô com 15 anos que não sai mais da mata. E fui me especializando.

Como é o trabalho de levantar uma mata pra saber se tem muita madeira?

Essa mata aqui eu olhei ela em 92. Eu entro na mata, com uns companheiros, e fico aí dentro. Passo 10, 15 dias. Se der pra voltar no mesmo dia volta, se não dorme dentro da mata. A gente vai contando as árvores e vendo os tipos de madeira que tem.

Uma mata boa tem que ter quantos paus por alqueire?

A mata de Paragominas é boa dá 30 árvores por alqueire. É o baque normal da mata.

Durante quanto tempo vocês trabalham nesse pedaço?

O nosso baque é seis meses.

Vai pra cidade de quando em quando?

O normal é 15 dias. Às vezes 30. Eu vou a cada oito dias, porque precisa, tem que ver as coisas. Mas a turma é 30 dias, quando sai o pagamento.

Quais são as manhas pra derrubar um pau?

É um trabalho duro. Não é fácil não. Se você chega no pé do pau e já faz a boca (o tempo) errado já é perigoso, porque a moto-serra pode impressionar. Ai já depende de todo o cuidado do operador. Primeiramente tem que chegar no pé do pau e saber pra onde vai. Porque existe pau bem linheiro, bem reto, que não tem queda. Se a moto-serra fica presa é perigoso quebrar e matar o operador, que nem já aconteceu aqui na região.

Você já foi motocultivo?

Pouco tempo, mas já. Eu conheço bem essa área.

Quantos paus você já derrubou?

Nem dá pra dizer. Porque todo ano de vez em quando eu peço pra eu vou derrubando, derrubando...

Você chega aqui, a floresta está inteirinha, a sua equipe trabalha e em meia hora está todo detonado. Qual é a sensação?

Eu me sinto como igualmente qualquer um deles aí. Pra mim é normal. A desvantagem com eles é que eles só fazem se eu mandar. Se eu pra derrubar eles não sabem pra onde levar o eito de derrubada — eu é que tenho de olhar, mandar fazer as estradas. Se eu não tiver aqui aí fica difícil pra eles. Porque eu conheço toda a região. Já fui até no fim. Já rodei tudo. Eles não. O operador da máquina não conhece aí pra frente. Eu conheço. O operador de moto-serra não sabe onde é a divisa da mata. Eu sei. E eu que tenho que ensinar.

Qual foi a produção de hoje — das 6h30 até o meio-dia?

É só contar. Cada operador derrubou à base de 15 árvores.

Como é que a operação se desenvolve?

O operador de moto-serra é o primeiro. Ele entra na mata virgem. Não tem nada. Vai derrubando. Depois que ele derruba a gente pega uma região, 500 metros quadrados, e faz a esplanada ou tombador bem no meio. Ai já vou entrar as máquinas, o Skidder. Ele vai até uns 250 metros, pega as árvores e traz todas para o tombador. Traz uma árvore ou duas de cada vez. Vai e volta, até rodar a área toda. Quem faz a esplanada é o trator de esteira. São dois que faz a esplanada e faz a estrada. O outro ajuda a puxar.

Num dia de trabalho quanto de área consegue ser explorada?

Depende muito do tipo da mata. Numa mata como essa a gente tira uma base de dois alqueires por dia. Nessa que não é boa. É a segunda vez que a gente está tirando. Madeira grossa. Madeira fina ninguém tira. Se for uma mata bem fechada você vai tirar uma base de 1 alqueire por dia.

Quais são os riscos?

O operador de moto-serra não pode deixar pau enganchado. Cortado sem chegar no chão. Porque se uma máquina passa e ele cai em cima aí é perigoso. O maior risco que tem é o serrador não deixar pau mal cortado.

Que árvores são essas aqui em torno?

Louro. Guajará. Faveira. Envira. Tiriba. São muitos tipos.

E essa que o Skidder está arrastando agora?

É freijó. A tora tem 20 metros de comprimento. De metro cúbico vai dar dois metros.

Quais são as mais nobres?

Ipê, jatobá, maçaranduba, piqui.

Em quanto tempo esse estrago recupera?

Daqui a dois anos você não vê mais isso aqui. Nem percebe que foi mexido.

Quando é que volta para cortar as árvores que ficaram — as mais finas?

Depende de muito tempo. Há anos eu conheço mata que eu já tirei. Você vai lá hoje e ainda não dá condições de mexer com madeira. A gente não consegue mais. Nem conta mais com isso. O que tira, ou que ninguém vai voltar mais não. Até porque vai custar muito.

Se tivesse manejo seria diferente?

Tem muito pouco. Mas agora, aqui em Paragominas, vai ter que fazer. Há dias a gente teve uma reunião, todos os donos de serraria foram olhar o plantio da Cikel. Eu acho que todo mundo agora vai fazer, porque é obrigado.

Como madeiro experiente você acha que é importante fazer?

Eu acho que tem que fazer. Principalmente as madeiras que vão ser plantadas, elas não custam muito que nem essa madeira aqui. Madeira de plantio é mais rápido.

Se o manejo tivesse sido feito vocês não precisariam vir cortar tão longe.

Não. Porque a madeira lá da frente já estaria no ponto de cortar. Tranqüilo. Eu tenho 15 anos mexendo com mata. Se eu tivesse plantado madeira na época que eu comecei a mexer hoje a gente estava tirando da mata plantada.

Porque o pessoal não fez?

Acham que vai gastar muito e tudo. Mas com essa imprensa de agora eu acho que eles vão fazer.

Você sente pena da floresta?

Eu sinto. Porque você chega no pé de uma árvore, que nem você vê os maiores paus da mata — o angelim-pedra, o ipê, o piqui, o jatobá — você derruba aquela árvore e aí é a última vez que você vê. Porque depois ela vai pra serraria e arrote. E aí passa um ano, dois anos, e você vê só aquele tronco da árvore apodrecendo.

O trabalho de vocês é duro.

É duro mesmo. Tudo é difícil. Mas é mais fácil porque a gente vê pessoas com a vida em mais dificuldade. Aqui a gente se sente melhor do que o pessoal que está na serraria. De qualquer maneira é difícil, de qualquer lado que você olhe.

Com quantos quilômetros você tira uma madeira logo que começou — há oito anos?

Quando eu comecei a gente tirava numa base de 60, 70 quilômetros.

E hoje?

Está na faixa de 100, 120 quilômetros. A exploração fica muito mais cara. Hoje já tem quem vá buscar numa distância de 200 quilômetros. Quando eu comecei tinha firma que tirava até com 30, 40 quilômetros. Hoje essas mesmas estão tirando com 200. A verdade é que ninguém plantou nada. (LMC)



Paulo Lobato

"SE A SERRA FICA PRESA, É PERIGOSO MATAR O OPERADOR"

(Benedito dos Santos)